

AD E EVENTOS DA MÍDIA: UMA ANÁLISE DA ESPETACULARIZAÇÃO DO CONFLITO VERBAL

AD AND MEDIA EVENTS: AN ANALYSIS OF THE SPECTACLE OF VERBAL CONFLICT

Juliana Lopes Melo Ferreira SABINO
(PUC Minas)
julianalopes20@hotmail.com

Giani DAVID-SILVA
(CEFET-MG)
gianids@gmail.com

Flávio Luis Cardeal PÁDUA
(CEFET-MG)
cardeal@decom.cefetmg.br

RESUMO

O estudo proposto é parte de uma pesquisa maior que visa à análise dos gêneros entrevista e debate do canal de televisão Rede Minas, objetivando a sua inserção em um banco de dados multimídia. O trabalho que se propõe partirá da análise discursiva do Programa Roda Viva em uma perspectiva da dimensão das encenações verbais e visuais, como parâmetro para a seleção de descritores, os quais serão chave para indexação do programa na base de dados criada pelo CAPTE (CEFET-MG)²⁸. Podemos depreender que a Análise do Discurso poderá subsidiar na escolha de termos significativos para a representação das informações audiovisuais.

Palavras chave: Gênero televisivo; Análise do Discurso; Encenações.

ABSTRACT

The proposed study is part of a larger research project that aims at analyzing the genres interview and discussion of the television channel Rede Minas, aiming their integration in a multimedia database. The work that is proposed will leave the discursive analysis of Roda Viva Program in a perspective of the size of the verbal and visual performances, as a parameter for the selection of descriptors, which will be key for indexing in the database program created by CAPTE (CEFET-MG). We conclude that the analysis of discourse can support the choice of material to the representation of audiovisual information terms.

Keywords: *Television genre; Discourse Analysis; scenarios.*

Introdução

O presente trabalho visa analisar a contribuição da Análise do Discurso (AD) para o processo de indexação de vídeos televisivos em um banco de dados audiovisual. Essa pesquisa é parte de um projeto maior que propõe a criação de um arquivo de vídeos e de um Centro de apoio a pesquisas sobre a televisão brasileira (CAPTE) no CEFET-MG. Para tanto, foi realizada uma parceria com a Rede Minas de Televisão, o que permitirá a realização do protótipo de um sistema de busca e recuperação de informação audiovisual. O projeto em questão é de natureza interdisciplinar e estabelece

²⁸ Agradecemos o auxílio financeiro concedido pela FAPEMIG- Edital Universal 2011- processo nº. : SHA-APQ-02269-11-para realização do projeto: "Banco de dados audiovisuais: reflexão e modelo de indexação da informação televisiva".

uma relação entre três áreas de conhecimento: a Análise do Discurso, a Comunicação e a Ciência da Computação, cujo diálogo constante, durante todas as etapas da pesquisa proposta, permitirá uma análise reflexiva sobre as diferentes abordagens possíveis de um objeto que, em si, é marcado pela complexidade.

O programa que ora propomos analisar, Roda Viva, pertence ao que nomeamos por gênero híbrido, mescla entre entrevista e debate, por razões que abordaremos ao longo deste artigo. Esse programa é exibido semanalmente e tem duração média de 1h30 minutos. O *corpus* selecionado é constituído por duas exibições do Roda Viva, nas seguintes datas: 04/10/2010 com a convidada Márcia Cavallari e 01/11/2010 com o convidado José Dirceu. Na época, o programa era apresentado pela jornalista Marília Gabriela, às segundas-feiras, através do canal Rede Minas, às 23 horas.

No que diz respeito ao processo de indexação, entre as dificuldades encontradas destacam-se as inerentes à própria linguagem verbal no processo de descrição dos documentos. Surge, na linguagem documentária, a necessidade de se controlarem certas características da língua que, em contexto de uso social, não se apresentariam como problema, tais como: a polissemia, a sinonímia, antonímia, homografia, entre outros. Ademais, na conversão da linguagem natural para a linguagem documentária (descritores, termos-chave), que têm por função expressar o conteúdo do documento, intervêm vários fenômenos linguísticos, como os problemas relativos à semântica. Assim, acreditamos ser a Análise do Discurso uma área de conhecimento que pode se apresentar profícua no apoio aos trabalhos de documentação, de modo especial aos procedimentos de indexação.

Algumas reflexões sobre o processo de indexação

Além de compactuarmos com a afirmação de Lancaster (2004) e de outros autores sobre a dificuldade de se chegar a um acordo sobre a indexação de imagens, somado a importância da cultura audiovisual para a sociedade, o presente artigo pretende fundamentar-se em técnicas de análise do discurso midiático, objetivando auxiliar no processo de indexação. A Análise do Discurso (AD) poderá atuar em duas etapas que, segundo Lancaster (2004), integram a indexação: a análise conceitual e a tradução. A primeira consiste em definir o assunto do documento, a segunda consiste em selecionar os termos que o representarão. Em relação a esta etapa, Lancaster (2004, p.15) salienta que a “tradução envolve uma decisão sobre quais os rótulos disponíveis que melhor representam x, y e z”. Para o autor, a etapa da tradução é, indubitavelmente, uma das principais em todo o processo de indexação.

A seguir serão elencados alguns aspectos discursivamente relevantes para o processo de análise do programa televisivo. Adotaremos os estudos sobre as encenações (dimensões verbal e visual), referenciado no livro *A palavra confiscada* de Charaudeau e Ghiglione (1997).

Conforme Charaudeau e Ghiglione (1997), a encenação verbal é “interna ao espaço físico da troca de palavra” e a visual sobrepõe-se “à cena da troca de palavras” (CHARAUDEAU e GHIGLIONE, 1997, p. 55-56), consistindo na representação do espaço de interlocução por meio de imagens. Ainda conforme o autor (1997), três objetivos podem ser contemplados na encenação verbal a fim de organizar a interlocução, que são: (i) objetivo de posse da palavra desencadeando uma luta por essa apropriação entre os participantes; (ii) objetivo de influência entre os participantes, determinando entre eles relações de conflito ou de aliança; objetivo de verdade, levando os participantes a posicionarem com relação ao que eles pensam, impondo seus valores, crenças, opiniões. Charaudeau e Ghiglione também elencam três objetivos para a encenação visual: (i) visibilidade da encenação da palavra: consiste em selecionar, na aparição de participantes, elemento do cenário, objeto, documento, ilustrando a temática; (ii) orientação do olhar: propor ao sujeito observador certo ponto de vista sobre o que é mostrado (posicionamento das câmeras, ângulos de visão, enquadramentos); (iii) transparência da palavra: encadeamento das imagens que apresentam o que se diz, em sincronia ou não com o que é mostrado.

Abaixo elencaremos as variáveis de cada encenação proposta por Charaudeau e Ghiglione (1997), a saber: a temática, a identidade dos participantes, a gestão, a disposição, e a visibilidade, que compreende os planos filmicos e o capital verbal.

A temática diz respeito ao espaço público, que Charaudeau e Ghiglione classificam em cinco tipos (atualidade política, vida dos artistas, cultura, sociedade, ciência).

A identidade dos participantes diz respeito ao aspecto sócio-profissional e, conforme Charaudeau e Ghiglione, a presença dos participantes nos “dá uma ideia de como será tratado o tema, na medida em que são eles próprios representantes do espaço público” (CHARAUDEAU e GHIGLIONE, 1997, p. 58). Dentre os estatutos dos participantes enumerados por Charaudeau e Ghiglione, estão presentes, no *corpus* selecionado para o presente estudo, o estatuto de *Político* e *Especialista*. Este possui estatuto do qual se espera uma *palavra sábia*, alguém que tem o poder de explicar os

fenômenos do mundo ou da sociedade, e aquele apresenta estatuto do qual se espera que seja produzida uma *palavra empenhada* a respeito da governança da Nação.

No que se refere ao papel do apresentador, este é bastante importante, por exercer grande influência no rumo do programa. A escolha do modo de gestão revela, conforme Charaudeau e Ghiglione(1997), o tipo de controle que o animador quer ter sobre a interlocução bem como a intenção que ele tem ao apresentar: a de uma interlocução séria ou espetacular. A mediadora do programa em análise desempenha dois papéis, postulados por Charaudeau e Ghiglione (1997): *entrevistador* e *provocador*. O papel de entrevistador representante da instância midiática faz uso de perguntas diretas, podendo pôr em causa não somente a opinião do entrevistado, mas também sua forma de responder. No caso do programa Roda Viva, há um interrogatório investido a fundo, consistirá numa sucessão de entrevistas, o que para Charaudeau e Ghiglione produz um efeito de tribunal. O de provocador evidencia um legítimo papel de animador, que apresenta os convidados, administra o tempo de intervenção de cada um, distribui/retira a palavra, ora provoca ora modera os conflitos, mas sempre mantendo o controle dos temas a serem tratados.

A disposição dos participantes, como pontuam Charaudeau e Ghiglione (1997), “testemunham o modo de confrontação que a instância midiática escolhe e o tipo de controle que procura exercer” (CHARAUDEAU e GHIGLIONE, 1997, p. 62). Um dos modelos apontados por esses autores, ao qual a disposição pode corresponder é a *concêntrica*: participantes dispostos em círculo ou em forma de ferradura, buscando entre os participantes a verdade, ampliando o tom de seriedade da instância midiática.

A visibilidade evidencia uma presença e um modo de presença dos participantes que, conforme Charaudeau e Ghiglione(1997), “é suscetível de orientar e de influenciar o telespectador quanto ao impacto que tal ou tal participante pode ter sobre ele” (CHARAUDEAU e GHIGLIONE, 1997, p. 65). A presença corresponde à quantidade de vezes que um participante aparece no ecrã e o tempo de sua aparição. Os modos de presença referem-se aos variados planos de câmera atribuídos aos participantes, que permitem aproximá-los e distanciar-los e são suscetíveis a causar vários efeitos.

1. Temática

Os convidados para o centro da roda nos programas em análise estão intimamente relacionados com a temática geral abordada, nos casos analisados, a *atualidade política*: Márcia Cavallari é diretora do Ibope Inteligência, que se

responsabilizou juntamente com a sua equipe pela pesquisa de opinião das eleições presidenciais de 2010; e José Dirceu é ex-ministro-chefe da Casa Civil e político. A temática atualidade política, conforme Charaudeau e Ghiglione (1997), “mergulha o telespectador no universo dos valores da *cidadania* e visa a um efeito de *responsabilização*” (CHARAUDEAU e GHIGLIONE, 1997). E é por representar o IBOPE que Márcia Cavallari, por meio de seu discurso, constrói uma imagem de si (*ethos*) que está atrelada à credibilidade, uma vez que o IBOPE é uma organização globalmente reconhecida, atuante como referência no mercado de pesquisa e de informação nas áreas de opinião pública e que, portanto, *merece ser levada a sério*. Após ser o principal alvo das investigações do mensalão do PT, o ex-ministro José Dirceu tenta construir para o telespectador, bem como para a instância exibida, a imagem de resistência ao ser pré-julgado e *execrado* pela imprensa e por políticos de oposição. Os programas em análise têm como temas específicos a pesquisa de opinião das eleições presidenciais de 2010 e o processo penal na justiça, respectivamente. Os subtemas (ou temáticas secundárias) abordados nos programas foram: (Márcia Cavallari): institutos de pesquisa; boca-de-urna; política; Ibope; votos; resultados de pesquisa; influência da pesquisa de opinião; mídia; eleições anteriores. (José Dirceu): poder da mídia; PT; liberdade de imprensa na TV; cassação; leis de imprensa estrangeiras; história recente do país; economia e relações exteriores.

2. Identidade dos participantes

Nesse programa há duas categorias de participantes: os titulares e os eventuais (ou rotativos). Os participantes envolvidos nos programas possuem papéis sociais semelhantes, o de jornalista: Augusto Nunes e Paulo Moreira Leite (participantes titulares), e os participantes eventuais: Carlos Brickmann e Bob Fernandes (Programa com Márcia Cavallari), Guilherme Fiuza e Sérgio Lório (Programa com José Dirceu). Eles estão ao redor da mesa em formato de um semicírculo e todos de alguma forma estão atrelados à temática: a atualidade política. Os convidados, ao centro da roda, têm papéis sociais diferentes dos participantes eventuais e titulares: Márcia Cavallari, diretora do Ibope Inteligência, com formação em estatística; e José Dirceu, ex-ministro-chefe da Casa Civil, político e advogado. A primeira discute as pesquisas do Ibope nas eleições, e o segundo é confrontado pelos jornalistas um dia depois de Dilma Rousseff ser eleita como a primeira mulher na presidência da República. É a eles que são direcionadas as perguntas. Os participantes ao redor da mesa possuem os mesmos

deveres e direitos instituídos pelo programa. Apesar do estatuto diferenciado entre Márcia Cavallari/ José Dirceu e os jornalistas, há uma igualdade entre eles: o direito à fala. No entanto, os turnos de fala geralmente não são respeitados, haja vista que os participantes lutam pela tomada ou manutenção da palavra entre debatedores, com vistas à construção da argumentação, objetivando persuadir o outro e com a finalidade de captação, “fazer da informação um objeto de espetáculo” (Charaudeau, 2006). Cada participante experimenta ora o papel de locutor ora de ouvinte, e, ao tomar posse da palavra, utilizam-se de constatações e dados a fim de conferir credibilidade a seu discurso. Observa-se um confronto de opiniões entre os convidados Márcia Cavallari/José Dirceu e os jornalistas, envolvidos numa “relação de oposição”, os quais não compactuam das mesmas ideias defendidas. Todos os participantes ao redor da roda possuem os mesmos direitos à fala, ao passo que a dissimetria entre os papéis na interação da mediadora/debatedores e do convidado ao centro da roda se faz perceptível, haja vista que este está legitimado no papel de questionado e aqueles no papel de questionadores. Desse modo, o convidado tem direito a um tempo maior de fala concedido por seu *status*.

3. Gestão

Marília Gabriela, mediadora do programa, realiza perguntas diretas aos convidados do centro da roda (Márcia Cavallari e José Dirceu), também o fazem os titulares do programa, provando estarem documentados a respeito da temática, demonstrando credibilidade ao telespectador. O debate é aprofundado, consistindo numa sucessão de entrevistas, produzindo efeito de tribunal, haja vista que, a todo o momento, Márcia Cavallari e José Dirceu tentam provar a veracidade do que estão dizendo. A organização espacial da cena possibilita essa comparação com um tribunal de justiça: no centro da roda se encontra o réu; especialistas estão ao redor deste (o júri); e há mediadora (juíza). Nesse programa Marília Gabriela distingue um pouco dessa imagem pré-concebida de Juiz, por assumir, às vezes, o papel de moderadora, ao buscar o equilíbrio, mas também o de provocadora ao instigar o desequilíbrio. A distância e posição frontal entre a mediadora/debatedores e convidado contribuem para o efeito de seriedade ao impor um distanciamento, que impossibilita uma relação mais intimista. A disposição dos participantes no programa Roda Viva anuncia que debatedores/mediadora poderão observar e analisar o “réu”, longe de serem suas

declarações contagiadas por uma aproximação. Todos esses indícios nos levam a classificar a gestão da Marília Gabriela como pertencente à categoria de *entrevistadora*.

Somada a essa categoria, há também a gestão de *provocadora*, que se caracteriza por ter um papel ativo, seja na preparação do *script* programa, como podemos perceber pelos papéis sobre a mesa, consultados várias vezes por Marília e Augusto Nunes, na condução do programa. Marília Gabriela representa um legítimo papel de animadora, que apresenta os convidados, ora provoca ora modera os conflitos, organiza a interlocução: “Gente, peraí, não falar em cima do outro senão vira uma confusão” (2º Bloco). A preferência do programa Roda Viva é por manter um tom mais formal constituído por um universo de crítica e polêmica, de caráter inquisitório, em que personalidades de destaque sejam o alvo.

4. Disposição: Concêntrica

Os participantes estão dispostos em círculo, porém essa disposição não produz um efeito de parceria; ao contrário, promove o distanciamento entre o convidado e debatedores/mediadora, deixando de lado o caráter de proximidade.



Figura 1: *Disposição concêntrica*

A configuração espacial do programa já anuncia o caráter polêmico: debatedores e mediadora localizados ao redor de um círculo e ao centro está acomodado o convidado do programa, em uma cadeira giratória, a qual lhe permite movimentar-se, facilitando a interlocução no debate. A designação do programa sublinha a forma física do cenário: o participante foi convidado para adentrar na roda, a fim de enfrentar uma verdadeira “roda viva” de questionamentos advindos ao seu redor.

5. Visibilidade

5.1. Capital verbal

Os dois gráficos abaixo ilustram a partir da descrição estrutural²⁹ realizada, o tempo de fala de cada participante, em que constam os minutos e segundos. Como mostram os gráficos, o tempo de fala maior é daqueles que estão ao centro da roda, Márcia Cavallari e José Dirceu, 45'33" e 52'51", respectivamente.

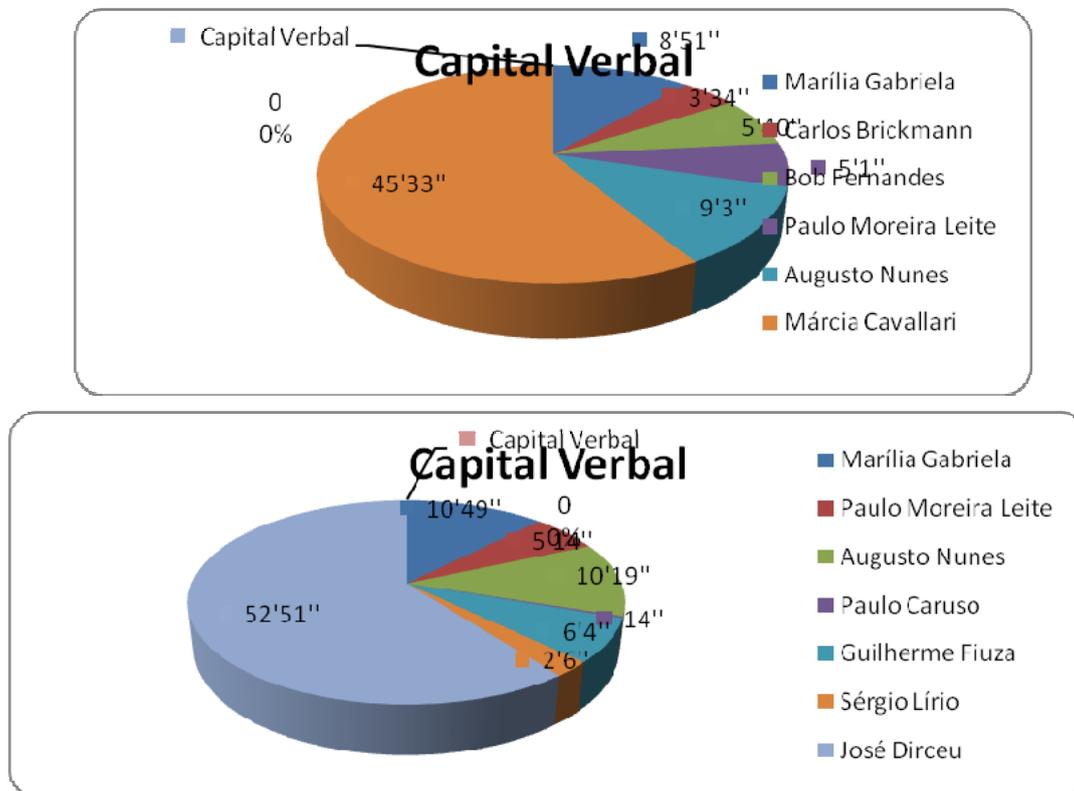


Gráfico 1 e 2: Tempo de fala de cada indivíduo nos programas em análise.

5.2 Modos de presença (planos)

No início do programa, ao saudar os telespectadores e anunciar o tema e o convidado da roda, a mediadora aparece enquadrada sob o plano próximo (programa exibido no dia 04/10/2010, com a entrevistada Márcia Cavallari) e médio (programa exibido no dia 01/11/2010, com o entrevistado José Dirceu), ressaltando apenas a apresentadora. Ela é um componente importante do programa, que se dirige aos telespectadores em nome da emissora. Ao enquadrá-la no plano próximo, que produz efeito de personalização, algumas marcas são registradas: a velocidade com que processa informações; entonação forte e autoritária, despertando para o processo de

²⁹A descrição estrutural foi realizada na tentativa de subsidiar na observação dos capitais verbais, bem como as características intrínsecas ao gênero. Conferir “Análise discursiva de entrevistas e debates televisivos como parâmetro para indexação e recuperação de informações em um banco de dados audiovisuais” (SABINO, J.L.M.F.,2011).

tensão e firmeza características intrínsecas à própria lógica do programa, que desenvolve um jogo tenso. O efeito de sociabilidade no plano médio, logo no início, é também uma das características do programa, que promove redes de convívio social, pelas quais faz circular informações que exprimem os interesses e opiniões da apresentadora. Ao se reportar aos telespectadores, a apresentadora desenvolve sua forma de sociabilidade, simulando uma comunicação face a face, a partir do uso do eixo Y-Y (olhos nos olhos). Essa opção filmica parece, então, associada a um movimento de referenciação, a uma operação destinada a *desficcionalização* do discurso. É quando a apresentadora nos lembra: “eu estou aqui e falo agora com vocês”. Se considerarmos que a realidade supõe a presença (espaço/tempo) e que só é plenamente real o *aqui e agora* (ODIN, 2000), a apresentadora vai exercer a função de ancoragem do discurso no real da atualidade – um operador de realização (VÉRON, 1983), na tentativa de “neutralizar” ao máximo o estatuto ficcional inerente a todo discurso.



Fig 2: Plano próximo e médio no início dos programas em análise.

Nas situações de resposta, o plano próximo em que aparece José Dirceu constitui-se útil para o diálogo, ao produzir um efeito de personalização e de proximidade, mostrando de perto o modo de falar de José Dirceu, apontando peculiaridades que o plano geral, por exemplo, não deixaria visualizar. Consequentemente, essa opção filmica demonstra a reação do convidado, em uma tentativa de retirar dele uma verdade. Sua imagem é praticamente exclusiva.



Fig 3: Plano próximo e americano, respectivamente.

A figura 4 ilustra o encerramento do programa. Nesse momento, há um movimento circular da câmara de baixo para cima, o entrevistado ao centro vai se afastando ao ritmo do giro da roda. A imagem do cenário em movimento remete-nos à imagem do jogo de roleta em que nunca sabemos o que está por acontecer, onde e quando ela vai parar. O giro da câmara deixa subentendido certa passividade dos participantes, todos estão em situação de igualdade, sendo movimentados ao léu pela roda. No entanto, evidencia-se o papel central do entrevistado: celebridade e vítima. É a seu redor que gira a roda e é ele que não sabe onde e em que momento ela vai parar e o que ela lhe reserva (uma menção aqui também a roda da fortuna comandada pelas moiras da mitologia grega).

Ao final do giro da roda e com certo distanciamento da câmara, vemos que as luzes aos poucos se reduzem, destacando meramente o centro, iluminado pela cor reluzente do círculo. A câmara se afasta e enquadra, sob o plano geral, todo o estúdio em que se desenvolveu o debate, mostrando aos telespectadores todos os participantes envolvidos na troca comunicativa. Entre os efeitos visados está o de totalidade, ao permitir a visualização do cenário como um todo, e o de objetividade, ao propor certo afastamento em relação ao objeto, ampliando o campo de visão, permitindo-nos enxergar universalmente a instância exibida, sem interferências das falas dos participantes. No entanto, o plano geral nos permite testemunhar, no espaço interno do estúdio, uma discreta interlocução entre os apresentadores realizada através de expressões faciais, trocas de olhares e de um inaudível diálogo que, ao fim do programa, sugere uma cumplicidade entre os participantes. Cúmplices também somos nós que, por meio desse plano, compartilhamos essa “intimidade”, e, apesar de aparentemente estarmos sendo afastados, a visão geral coloca-nos em uma posição privilegiada de *voyerismo*, podendo aceder a outros detalhes, antes escondidos, como o universo da

filmagem, ao entrevermos os câmeras que se movimentam na penumbra, evidenciando o estatuto fílmico do programa (figura 4).



Fig 4: Encerramento do programa Roda Viva sob o plano geral.

6. A instância enunciativa e o fenômeno do Hibridismo

A instância enunciativa (a exibida), como mencionado anteriormente, é representada por Marília Gabriela, a mediadora, os titulares do programa, os jornalistas Paulo Moreira Leite e Augusto Nunes, e também Paulo Caruso, o cartunista, e convidados do programa, dois que irão debater o assunto do dia e o convidado (a) que estará no centro da roda.

Marília Gabriela inicia o programa com algumas indagações polarizando a questão que serve de tema: “Pesquisa de opinião eleitoral funciona? Acerta? Erra? Tem influência no resultado das eleições? Os institutos de pesquisa são todos culpados ou são todos inocentes?”. Nessas indagações, presenciamos uma tentativa de fazer o interlocutor repensar as questões, bem como trazer para o debate vozes que acreditam numa dessas polaridades. Os enunciados acima propõem uma réplica, quer uma concordância ou não. Ao longo do debate, a moderadora permanece no pólo contra, o dos pessimistas que compactuam da ideia de que pesquisa de opinião eleitoral não funciona e o dos descrentes, que desconfiam da inocência de José Dirceu no envolvimento com o mensalão.

Ao anunciar a temática a ser discutida, Marília Gabriela faz algumas constatações: “Dilma Rousseff teve menos votos do que o previsto nas últimas pesquisas, inclusive na boca-de-urna. Marina Silva teve muito mais, chegou a quase 20% e provocou o segundo turno e Serra cresceu na reta final, fato despercebido por todos” (entrevistada Márcia Cavallari). “Primeira mulher eleita para governar o país, ela teve mais de 55 milhões de votos e será nossa presidente nos próximos quatro anos” (entrevistado José Dirceu). No enunciado “os institutos de pesquisa e seus métodos de

trabalho estão no centro deste Roda Viva que foi ao ar depois que as urnas abertas trouxeram surpresas *nada agradáveis* para os pesquisadores”, embora a mediadora tente evidenciar um efeito de objetividade, demonstra sua avaliação por meio, por exemplo, da expressão destacada.

Existe uma variedade de gêneros distribuídos nos canais de TV considerados híbridos (Charaudeau, 2006). Alguns gêneros se encontram no meio do caminho, com características de um e outro gênero, o que reforça o postulado de Charaudeau sobre o fenômeno de hibridismo. A partir de nossa análise, consideramos o programa Roda Viva como híbrido, devido ao reconhecimento de características intrínsecas dos gêneros entrevista e debate. O programa supracitado é constituído por um interrogatório aprofundado, em que há uma sucessão de entrevistas, alternam-se os turnos de fala entre convidado ao centro da roda e debatedores/mediadora, porém como há uma luta entre os participantes pela tomada ou manutenção da palavra, torna-se imprevisível quem irá falar em seguida.

A respeito do fenômeno de hibridização dos gêneros televisivos, Charaudeau (2006) elenca alguns exemplos, a saber:

Muitos gêneros televisuais são híbridos, inclusive várias das formas televisivas básicas. As “revistas” (ou aquilo que o meio designa dessa forma) podem ter como dominante um *bate-papo* com um resumo das notícias da semana (...), um *debate*, com inserção de micro-reportagens (...), uma *reportagem* com análises feitas no palco (...) ou *entrevistas* (...), ou podem equilibrar essas diferentes formas (...). Os *reality shows* misturam reportagens com reconstituições representadas por atores, entrevistas, bate-papos, debates no palco. Os *talk shows*, enfim, também misturam debate político, de sociedade e de diversão, inserindo sequências de minireportagens. (CHARAUDEAU, 2006, p. 230-231)

A partir da fundamentação teórica de Charaudeau e Ghiglione(1997) a respeito da dupla encenação, a visual e a verbal e o modo enunciativo, em especial, a modalidade Alocutiva, que aqui não foi exposta, podemos perceber que as duas emissões do programa Roda Viva se inserem como gênero híbrido. O programa possui características típicas de um e outro gênero – a de entrevista e debate – com predomínio deste último.

O programa tem como ator mais importante o convidado para o centro da roda, e, por conseguinte, o capital verbal (tempo de fala) também é maior para ele. Enquanto que as relações dos participantes envolvidos nos programas de debate (Ex: Brasil das Gerais, da TV Rede Minas) são simétricas, já no programa Roda Viva, há dissimetria entre os papéis na interação da mediadora/debatedores e do convidado ao centro da roda. Este é legitimado no papel de questionado e os jornalistas, ao seu redor, estão no

papel de questionadores. Estes por sua vez têm igualdades de fala, no entanto lutam pela tomada ou manutenção da palavra, transformando num ritual de superposição de falas. Essa simultaneidade de vozes torna imprevisível quem irá falar em seguida. A moderadora joga com a rigidez.

Assim, ao considerar que o capital verbal maior é a dos entrevistados nos programas de entrevista, o programa Roda Viva também tem o tempo de fala maior para os participantes do centro da roda, como mostra o gráfico 1 e 2 deste artigo. Por isso se aproxima da entrevista, pois o capital verbal é distribuído, de maneira mais igualitário, nos programas de debate. Conforme Lage (2006), o ator mais importante numa entrevista é o entrevistado, e no caso do programa Roda Viva é também o convidado. Já em um debate, o ator mais importante é o moderador. Conforme Charaudeau (2006), o moderador ou animador desempenha papéis de suavizador ou provocador, dependendo do momento, pois é ele que ocupa o papel de regulador do debate e das intervenções dos participantes. A moderadora, Marília Gabriela, tenta fazer com que a problemática do programa seja resolvida, e em raras vezes chegam a uma conclusão.

Além de a estrutura ser marcada pelo dissenso que conduz o caráter polêmico, é também assinalada por perguntas e respostas, característica da entrevista. Para Charaudeau (2006), se o interrogatório é aprofundado, o debate consistirá numa sucessão de entrevistas.

Conforme Soulages (2011), o gênero debate trata de questões cidadãs, expondo-as ao debate público. Enquanto que programas de debate, como o da TV Rede Minas, Brasil das Gerais caracterizam pela finalidade comunicativa de informar, promovendo esclarecimentos quanto às questões propostas, o programa Roda Viva prioriza o espetáculo devido ao caráter polêmico que se faz presente. Desse modo, há uma predominância do espetáculo em detrimento da informação, em prol da captação, “fazer da informação um objeto de espetáculo” (Charaudeau, 2006).

Ao findar o debate, o mediador disponibiliza um tempo reduzido e contado a cada um dos debatedores para expor uma última reflexão, como uma espécie de resumo geral do que foi dito ou algo que faltou a dizer (Balanço crítico ou geral).

Conclusão

A partir da aplicação dos elementos discursivos de Patrick Charaudeau no *corpus* analisado, podemos perceber uma reflexão sobre os programas televisivos a partir de sua dimensão enunciativa. Somado a isso, em relação ao fenômeno do

hibridismo, proposto por Charaudeau (2006), há de se considerar a classificação de um gênero dependente da situação de comunicação, o que a AD nos possibilita uma análise de elementos que vão além do conteúdo veiculado por um programa. Dessa forma, a seleção de descritores (termos-chaves) para o processo de indexação do programa na base de dados criada pelo CAPTE irá além do que é realizado usualmente nos Centros de Documentação (Cedocs) dos canais de televisão, que se centram na descrição do conteúdo da informação. A indexação realizada por esses centros não considera o espaço da construção estratégica da informação e dos elementos pertinentes desse processo. Acreditamos que a escolha de descritores a partir das contribuições da AD refira-se ao conteúdo do vídeo, mas também a tudo o que é intrínseco a sua composição.

No contexto deste estudo, privilegiamos a análise discursiva dos gêneros complexos, nos termos de Bakhtin (2003), para o processo de indexação no banco de dados audiovisuais (o CAPTE), que servirão de base para os gêneros mais simples, aqueles que se formam nas relações discursivas mais imediatas, utilizados na comunicação cotidiana. Priorizamos também a categoria de informação, acreditamos que a separação dos programas de TV em categorias poderá auxiliar no processo de identificação e delimitação dos gêneros televisivos. A partir da categoria *informação*, têm-se os programas jornalísticos, dos quais selecionamos as entrevistas para esse estudo. Para seleção de termos que representam os assuntos e descritores dos programas analisados (a etapa da tradução ou seleção de termos) foram utilizados os metadados que não dependem do conteúdo audiovisual e os metadados dependentes desses conteúdos.

Na maior parte dos arquivos de vídeos existentes, o processamento da informação e inserção em um banco de dados é feito de forma manual, há um trabalho de identificação de descritores ou palavras-chave que representem a informação audiovisual. Em linhas gerais, para se ter uma leitura proficiente das imagens em movimento, especificamente, a televisiva, faz-se necessário recorrer à Análise do Discurso a fim de contribuir para o reconhecimento da especificidade dessas imagens. Assim, compreendendo a particularidade da linguagem televisiva, a AD poderá subsidiar o desenvolvimento do estudo ora proposto por meio da análise discursiva dos gêneros televisivos, tendo como desafio a identificação, no âmbito dessa disciplina, de aspectos que irão contribuir para a indexação e inserção das informações audiovisuais no banco de dados.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHARAUDEAU, P. *Discursos das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P e GHIGLIONE, R. *A palavra confiscada: um gênero televisivo: o talk show*. Tradução Susana Farias Azevedo. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- DAVID-SILVA, G. *A informação Televisiva: uma Encenação da Realidade* (Comparação entre Telejornais Brasileiros e Franceses). Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
- _____. Projeto FAPEMIG 01/2010. *Desenvolvimento de um Modelo Discursivo de Indexação da Programação Televisiva em um Banco de Dados Audiovisuais*. Belo Horizonte: CEFET/UFMG, 2010.
- GAGE, D. Leighton e MEYER, Cláudio. *O filme publicitário*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LANCASTER, F.W. *Indexação e Resumos: Teoria e Prática*. 2ª Edição, Brinquet de Lemos, 2004.
- ODIN, Roger, *De la fiction*. Bruxelles: De Boeck&Lancier, 2000.
- SABINO, J.L.M.F. *Análise discursiva de entrevistas e debates televisivos como parâmetro para indexação e recuperação de informações em um banco de dados audiovisuais*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: CEFET/MG, 2011.
- SOULAGES, Jean-Claude. Anotações do minicurso. *Estratégias de encenação discursiva na mídia*, promovido pelo Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais (CEFET- MG). Belo Horizonte, Minas Gerais, 2011.
- VERON, E. Il est là, je le vois, il me parle. *Communications*, Paris: Seuil, n. 38, 1983.